

UM DIÁLOGO ENTRE O MITO DE ELECTRA E ASPECTOS DA SEXUALIDADE FEMININA SEGUNDO JUNG E BERNE

Didata da UNAT-BRASIL

monicalevi@uol.com.br

São Paulo – SP
Julho / 2010

UM DIÁLOGO ENTRE O MITO DE ELECTRA E ASPECTOS DA SEXUALIDADE FEMININA SEGUNDO JUNG E BERNE

Mônica Levi
Didata da UNAT-BRASIL
FATEP- Faculdade de Tecnologia Paulo Freire

monicalevi@uol.com.br

Resumo

O mito de Electra, tomado como objeto de reflexões teóricas passíveis de serem usadas na prática terapêutica, revela um paradigma do desenvolvimento feminino no que se refere às relações de gênero e à sexualidade da mulher. Electra, marcada desde seu nascimento por vários aspectos de ambivalência em relação à mãe, refletiria o destino da mulher. Formas patológicas dessa ligação são examinadas na rejeição violenta da mãe, ou, em seu oposto, no intenso vínculo simbiótico com o pai e o irmão. Através do diálogo entre a imagem mítica de Electra e os pressupostos teóricos de Jung e de Berne, este estudo propõe uma avaliação do potencial simbólico do mito e as possibilidades de utilizá-lo em práticas terapêuticas.

Palavras chave: Electra, script, sistema de família, sexualidade.

Introdução

O presente estudo teve origem em um dado empírico na minha clínica: a queixa de pacientes alegando insatisfação na área afetiva e/ou sexual, sintomas psicossomáticos e dificuldade nos relacionamentos de casal e familiar. No sistema familiar relatavam uma mãe distante e pouco significativa, e um vínculo e admiração muito forte com o pai, o que sugeria semelhanças com o mito de Electra.

A possibilidade de se tomar uma figura mítica como suporte para estudos científicos nasce ou se justifica a partir da própria natureza dos mitos, que, segundo Silveira, (1971:129) "condensam experiências vividas repetidamente durante milênios". Esse poder de concentrar em si experiências humano-existenciais modelares faz com que o mito, tomado como objeto de investigação, consiga ser, ao mesmo tempo, uma estrutura de significação isenta de uma marca da individualidade histórica que impeça sua absorção

como figura simbólica e uma fonte legítima de investigação da própria individualidade humana, já que seu caráter metonímico, (palavra designativa de outro objeto) embora livre das injunções históricas, é legitimado por esse espírito de condensação inerente à natureza do mito.

Os mitos gregos, em especial, são, no panorama da cultura ocidental, fonte de reflexões sobre a experiência humano-existencial e sobre a psique humana. Os mitos podem se materializar em discursos de diversas naturezas: literários, picturais, psicanalíticos, sociológicos, entre outros. A dimensão simbólica de uma imagem mítica, ao servir de matriz para essas reflexões, ganha, todavia, a aderência significativa do tipo de discurso que dela se apropria, logo, uma imagem mítica como a de Electra, aos olhos de ciências como a Psicanálise e a Psicologia e, terá, inequivocamente, um relacionamento temático direto com preocupações acerca da mente humana e dos dispositivos comportamentais que promovem explicações sobre essa experiência humano-existencial.

O objetivo deste estudo é o empreender um diálogo entre as posições de Carl Jung e Eric Berne acerca da sexualidade feminina e o potencial significativo que a imagem mítica de Electra possui, sob esse recorte, com vistas a uma maior compreensão da sexualidade da mulher contemporânea. Ainda que Berne não tenha escrito especificamente sobre este mito enquanto Jung o fez em seu "Ensaio de Exposição da Teoria Psicanalítica", em 1913, parece-nos pertinente promover tal diálogo se consideramos que, à luz dos pensamentos de ambos, a estrutura de significação de Electra, como representante simbólica do universo feminino pode, simultaneamente, renovar-se e fazer-se ponte para novas compreensões de alguns casos implicados nas relações de gênero com especial ênfase na sexualidade feminina.

Para alcançar tal objetivo, partimos de uma metodologia de natureza teórica, que consiste em abordagens iniciais específicas sobre a categoria gênero, o mito de Electra, as formulações de Jung e de Berne, para se chegar às interpenetrações discursivas propostas.

Lembramos, ainda, que o recurso de utilizar uma imagem mítica como elemento teórico passível de ser aplicado a práticas terapêuticas era defendido pelo próprio Jung, que acreditava que a psique tem potencial para a cura e que, seguindo o inconsciente através dos sonhos, símbolos, criações artísticas,

teríamos o caminho para alcançá-la. Por isso, o terapeuta deve ter o máximo de conhecimento não só de Psicologia, mas de literatura, artes, música, mitologia, religiões. Esse conhecimento geral vai ajudá-lo a entender melhor os símbolos e a psique de seu paciente. Para isso ele pode usar várias técnicas que ajudarão no processo de trazer conteúdos desconhecidos ao consciente. Exemplos dessas técnicas são: imaginação ativa, interpretação de sonhos, fantoches, caixa de areia, pintura, expressão corporal e muito mais. Todo esse processo terapêutico visa à autonomia do paciente.

Berne também acreditava no potencial para a cura objetivando a autonomia. Lembremos que, semanticamente, "autonomia" vem do grego, palavra formada por autos que ("o mesmo" e "por si mesmo") e nomos_ ("lei"). Neste sentido, autonomia significa a competência humana em "dar-se suas próprias leis". Para que, através da terapia, um indivíduo alcance sua autonomia, Berne propõe entre outras técnicas, a análise dos jogos psicológicos, posição existencial o script e episcript, com as diretivas e mensagens parentais introjetadas, que mostraremos mais adiante.

Quem procura terapia geralmente atribui seus problemas, neuroses e infelicidade aos acasos da vida ou ao próximo. É função de o terapeuta auxiliar a pessoa a reconhecer sua responsabilidade nos problemas que enfrenta. O processo terapêutico auxilia a pessoa a entrar em contato consigo mesma, para desenvolver seu potencial criativo, "pela liberação ou recuperação de três capacidades: de intimidade, espontaneidade e consciência." (BERNE, 1973).

Uma questão de gênero

Um modo de entender o gênero, masculino e feminino, diferente do sexo, que é biológico, é contemplar diferentes culturas e nelas perceber como se dão as relações entre homens e mulheres nos diversos níveis e formas em que essas relações podem ocorrer. Uma observação atenta logo atentará para determinadas tradições, rituais e sistemas que norteiam as relações de gênero e que estão muito além de simples demarcações biológicas. Exemplo disso é o tabu da virgindade numa sociedade culturalmente arraigada à religiosidade cristã em contraste com outra, orientada por uma filosofia libertária.

As relações de gênero, compreendidas, pois, a partir do viés cultural, podem variar no espaço e no tempo, pois sofrem influências evolutivas de

mudanças sociais, gerando, como consequência, novos parâmetros comportamentais e psíquicos para os relacionamentos entre homens e mulheres.

Uma vez que Electra está originalmente inserida no contexto sociocultural grego, é importante reconhecer, a priori, algumas circunstâncias sociais da realidade grega que devem ser, necessariamente, esvaziadas, para que se chegue à estrutura de significação do mito que permite seu caráter atual. Ou seja, compreendendo determinadas formas de convívio social epocais que possam justificar certos estranhamentos para o olhar contemporâneo, nos tornamos capazes de reconhecer o que, na estrutura narrativa de um mito, toca uma questão atemporal e anespacial. Sobre o contexto das relações humanas na antiga Grécia, convém lembrar que o casamento se configurava como uma espécie de acordo de ordem social e econômica, em que amor e sexo não eram ingredientes necessários. A legalidade da prostituição, o aborto, a eliminação de crianças não desejadas, e, inclusive, o divórcio eram práticas correntes e, portanto, isentas de culpabilidade. (HEINEMANN, 1996)

Ao tomarmos, portanto, Electra como foco para a investigação de determinadas formas da sexualidade feminina, não deixaremos de atentar para índices meramente culturais que, equivocadamente interpretados, poderiam destituir de consistência uma abordagem que dialoga com o momento presente.

Em outro ângulo, sabe-se que figuras como as de deusas e de heroínas pagãs foram, pouco a pouco, nas transformações ideológicas e culturais que estão na base da história do ocidente, ganhando uma conotação negativa, quase sempre vinculada ao erotismo como desvio comportamental e psíquico, fator que igualmente deve ser desconsiderado nesta análise, uma vez que não estamos tomando o mito de Electra como uma. Sobre isso, Saltini (1999) nos lembra que:

Andando a passos gigantescos através dos padrões históricos e culturais subsequentes, encontramos a imagem do erotismo e das qualidades femininas drasticamente alteradas. Iniciou-se o tempo em que a deusa não foi mais venerada, os aspectos físicos e espirituais do feminismo foram declarados demoníacos. (p. 117).

Assim, com o cristianismo é reforçada a renúncia ao prazer e o valor positivo do casamento casto. Dando continuidade ao desenrolar dessa filosofia, no século V, com Santo Agostinho, surge a associação de sexo e culpa. Todavia, a partir do séc. XVI, com os protestantes, precursores do sexo e da harmonia conjugal sem a conotação de pecado, surgem os conceitos modernos do vínculo amoroso, canalizando amor e sexo dentro da mesma situação, na cultura ocidental.

Ícones das transformações lograram alcançar o século XX, no que se refere à sexualidade feminina como centro de reflexões são: *Sexual behavior in the human male* (1948), de Kinsey, considerado o mais completo inventário sobre a sexualidade humana, e o posterior *Sexual behavior in the human female* (1953), no qual o sexólogo, partindo de 16.392 entrevistas, apresenta o primeiro levantamento sobre a sexualidade e o orgasmo feminino. A influência de suas pesquisas foi extensa e bastante compatível com uma época em que o modo hippie, a liberação sexual e o advento da pílula anticoncepcional demarcavam um panorama bastante diverso para as relações de gênero, uma vez que inauguravam um espaço para a sexualidade feminina e as considerações teóricas sobre esta faceta da experiência humano-existencial.

Contudo, apesar de todo o desenvolvimento histórico e cultural do gênero feminino, existem convenções dentro de cada cultura, com relação a rituais, estruturas familiares, costumes sexuais, denominados por Muriel James de "roteiros culturais", nos quais ainda são amplamente reconhecidos índices de permanência de determinados padrões comportamentais e psíquicos relacionados a um inconsciente coletivo marcado por tradições patriarcais e falocêntricas e pela religiosidade punitiva e castradora da sexualidade humana, principalmente a feminina.

Os temas desses roteiros diferem de uma cultura para outra. Podem conter temas de sofrimento, perseguição, ou mesmo temas de construção e de conquista. De outro lado, novos roteiros surgem com as transformações socioculturais e, nesse âmbito, também as relações de gênero vão se modificando. A forma de perpetuação de determinados roteiros está muito atrelada à instituição "família". E, sobre isso, destacam James e Jongeward (1975)

Os roteiros culturais são perpetuados através da família, que além da influência do roteiro cultural, desenvolvem formas exclusivas de drama, com tradições e expectativas específicas para cada membro, que são sucessivamente transmitidas de geração a geração. (p. 86).

Temos aqui mais um ponto de convergência entre as abordagens Analítica e Transacional propostas e o mito de Electra, uma vez que sua história está inextricavelmente atada à família.

Berne escreveu sobre limites do grupo e as mensagens parentais como veremos adiante.

Já Jung descreve as discrepâncias e os desvios na assimilação das duas forças antagônicas e complementares (anima/animus), referenciadas simbolicamente, no plano das relações familiares, na figura materna e paterna.

Deusa ou bruxa, libertadora ou castradora, as figuras simbólicas de imagens míticas femininas podem ser analisadas a partir da simples constatação de que a "roupagem cultural" que recebem não impede que aquelas toquem em questões universais a partir das quais se pode chegar a uma discussão proveitosa dos fatores psíquicos e comportamentais que interferem na saúde das relações de gênero e na própria condição individual do ser na sociedade.

O mito de Electra

Membro do ciclo dos átridas, que reúne personagens como Tântalo, Pélops, Atreu, Agamêmnon, Clitemnestra, Orestes, entre outros. Electra "a menina do Pai" carrega consigo, assim como acontece com seus familiares, a maldição dos "filhos de Atreu".

Observando a árvore genealógica, acompanhemos as histórias:

1) As maldições familiares tem origem em Tântalo, filho mortal de Zeus, que desagradando os deuses de diversos modos, eles entres, espalhando entre os humanos informações sobre o Olimpo, é punido. Tântalo elabora uma vingança terrível: mata o próprio filho Pélops e oferece sua carne aos deuses, sem que estes o saibam. Descoberta a vingança, Tântalo é amaldiçoado para

todas as gerações e condenado a ficar fora da vida e da morte, sem nunca poder ter o que deseja¹.

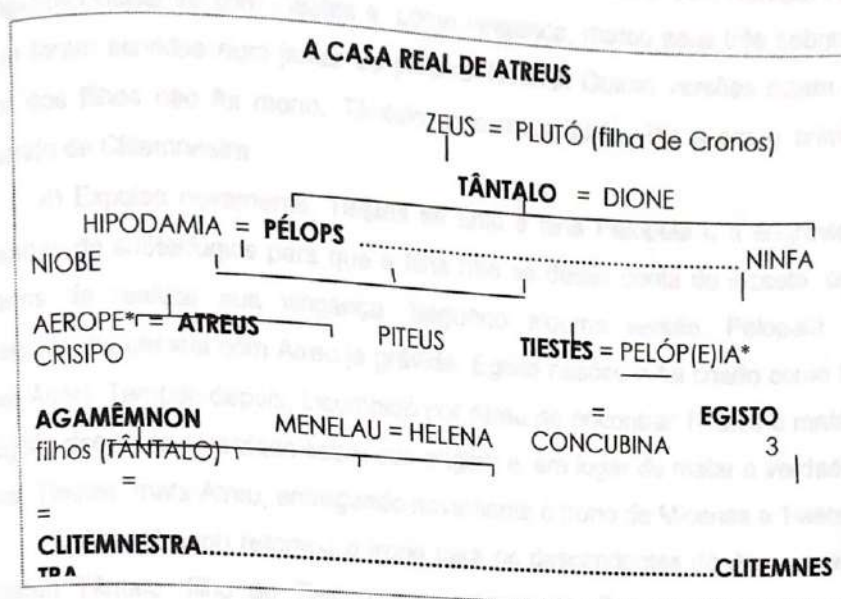


Fig. I- A Casa Real de Atreus

2) Pélops, a quem os deuses devolvem a vida, casa-se com Hipodamia (a "Menina do Pai"), cuja história também era marcada por violência já que seu pai matava todos os pretendentes da filha, apostando corridas de cavalo que sempre ganhava. Quem perdia, morria. Eram injunções de seu pai: "Não pertences", "Não me abandones". Pélops ganhou do sogro usando de manobras e o matou, tendo como consequência maldição para todas as gerações. Existe uma relação triangular (com Dana) da qual surge um filho, Crisipo.

3) Atreu, filho de Pélops e Hipodâmia, continuou a cumprir a sina familiar por meio do fratricídio cometido pelo mesmo em conjunto com seu irmão Tiestes, que não aceitavam o meio-irmão Crisipo (filho de Pélops), e com a cumplicidade da mãe, Hipodâmia, tramaram sua morte (KURY, 2088, p. 52). Punidos por Pélops, Tiestes e Atreu fugiram juntos, mas logo se viram em disputa pessoal pelo trono de Micenas. Entretanto, uma interferência direta de

¹ Berne (1976) relata a influência de Tântalo no script temporal NUNCA.

2- Esse gráfico foi montado a partir das referências citadas

Zeus impediu que a vitória se consolidasse, e novos parâmetros foram propostos, desta vez com a vitória de Atreu que, prontamente, expulsou Tiestes de Micenas. Ao saber, contudo, do caso que o irmão tinha com Aeropé, Atreu fingiu reconciliar-se com Tiestes e, como vingança, matou seus três sobrinhos que foram servidas num jantar ao próprio Tiestes. Outras versões dizem que um dos filhos não foi morto, Tântalo, que mais tarde viria a ser o primeiro marido de Clitemnestra.

4) Expulso novamente, Tiestes se uniu à filha Pelopéia e a engravidou, usando de subterfúgios para que a filha não se desse conta do incesto, única forma de realizar sua vingança. Segundo alguma versão, Pelopéia, em seguida, se casaria com Atreu já grávida. Egisto nasceu e foi criado como filho por Atreu. Tempos depois, incumbido por Atreu de encontrar Tiestes e matá-lo, Egisto descobre a verdade sobre sua origem e, em lugar de matar o verdadeiro pai, Tiestes, mata Atreu, entregando novamente o trono de Micenas a Tiestes.

5) Agamêmnon retomou o trono para os descendentes de Atreu quando matou Tântalo, filho de Tiestes e se casou com Clitemnestra, esposa de Tântalo. Segundo algumas versões, além do marido de Clitemnestra, Agamêmnon teria matado o filho dela com Tântalo. Com Clitemnestra teve três filhas, Electra, Ifigênia e Crisôtemis, e um filho, Orestes. Antes desse episódio, Agamêmnon e Menelau, filhos de Atreu, haviam lutado juntos (o clã fraterno) por uma mulher, Helena, cuja mão foi pretendida por diversos competidores, além dos dois átridas. Menelau conseguiu desposá-la, mas obteve a ajuda do irmão quando ela fugiu com o troiano Páris. A fuga ou rapto de Helena e seu resgate, como sabemos, determinaram o grande conflito que gerou a Guerra de Tróia. Helena, Clitemnestra e Electra são personagens poderosas, tendo os homens a seu serviço. Todas essas figuras femininas desenhavam a força do matriarcado. Clitemnestra, por exemplo, manda que o amante Egisto (o filho de Tiestes) mate seu marido que retorna da guerra.

6) Todavia, movidos pelo ódio à ação da mãe e de seu amante, Electra e Orestes planejam a morte de ambos. Vejamos como Junito Brandão (2009) descreve o episódio, que fecha a saga dos átridas:

Após o assassinato do pai por Egisto e Clitemnestra, a princesa, não fora a intervenção da mãe, teria sido também eliminada pelo padrasto. Na realidade, por seu apego incondicional

ao pai Agamênon (o Complexo de Electra e está aí para perpetuá-lo), a "jovem indomável" odiava Egisto e não perdoava a Clitemnestra a coautoria do massacre de seu amado pai. Segundo algumas versões, salvou de morte certa ao pequeno Orestes, confiando-o, em segredo, como já se viu, a um velho preceptor, que o levou para longe de Micenas. Por tudo isso, era tratada no palácio como escrava. Temendo que a enteada tivesse um filho, que, um dia, pudesse vingar a morte de Agamênon, Egisto fê-la casar com um pobre camponês, residente longe da cidade. O marido, todavia, respeitou-lhe a virgindade. Por ocasião do retorno de Orestes, a jovem princesa trabalhou incansavelmente na preparação da grande vingança e tomou parte ativa no duplo assassinato. (p. 99)

7) Pelo matricídio, Orestes é convocado a julgamento sendo absolvido pelo voto de Atena (Minerva). Do ponto de vista do patriarcado, ele é absolvido por matado pela honra paterna. Como consequência deste julgamento, surge o fim do sistema matriarcal e o pai volta a ser a cabeça da família, embora não tão poderoso como o protopai, representado por Tântalo. Electra foi a menina do pai. Só após a tragédia dos assassinatos do pai e da mãe e o consequente julgamento, ela obtém o perdão dos deuses e a permissão de casar com um homem que "está a sua altura", o primo Pilades. Agora ela pode "pertencer", com o perdão e a permissão dos deuses.

Todo esse enredo mostra o que levou os descendentes átridas a sofrerem a maldição da harmatia ou crime de sangue entre os seus, que, em sua trajetória envolve: infanticídio, fraticídio, patricídio e matricídio, além de pactos e disputas entre irmãos e casamentos por conveniência social.

Brandão (2009), lembrando que o julgamento, na Grécia Antiga, baseava-se em fatos e não em intenções, relembra a importância do conceito de génos:

Quanto a génos, pode o vocábulo ser traduzido, em termos de religião grega, por "descendência, família, grupo familiar" e definido como *persona sanguine coniunctae*, quer dizer, pessoas ligadas por laços de sangue. Assim, qualquer falta, qualquer harmatia cometida por um génos contra o outro tem que ser religiosa e obrigatoriamente vingada. Se a harmatia é, dentro do próprio génos, o parente mais próximo está igualmente obrigado a vingar o seu sanguine coniunctus. (p.81)

A história de Electra foi retomada por dramaturgos gregos, que, utilizando-se de pontos de vista diferentes, reproduziram sua história. Assim,

Ésquilo, em Coéforas, Sófocles, em Electra e Eurípedes, em Electra, as aventuras de Electra são enfocadas a partir do eixo religioso e das tradições simbólicas de Ésquilo, do eixo racional e filosófico de Sófocles, e do eixo crítico-social de Eurípedes. Ainda que, em alguma peça, Electra seja mais atuante e, em outras, assuma mais a função de mentora intelectual, mantém-se, em sua imagem mítica os fortes laços afetivos com o pai e sua obstinação em cumprir a obrigação de vingar a morte paterna.

O pensamento de Jung

A terapia de abordagem junguiana tem como foco principal ligar aspectos inconscientes da personalidade ao ser consciente. Alcançando essa meta, seremos transformados através do processo que Jung chamou de "individuação", unificando a personalidade e tornando-se consciente como indivíduo único e íntegro no mundo.

Jung ampliou a categoria do inconsciente individual ao relacioná-lo à dimensão coletiva da experiência humano-existencial, compreendendo que, somente assim, poderia tocar naquilo que une a espécie humana, permitindo-nos compreender o porquê de serem tão semelhantes entre si os questionamentos, os transtornos e as vivências humanas. Explicando o conceito de inconsciente coletivo, Jung (2002) faz um paralelo entre este e o inconsciente pessoal:

O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e, no entanto, desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto, não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de complexos, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de arquétipos. (, p. 53)

O legado teórico de Jung, no que se refere aos arquétipos, permite que reconheçamos em diversas imagens míticas consolidações simbólicas desses arquétipos no plano da criação ou da inventividade humana. Assim, a criação humana, seria uma forma de materializar esse potencial simbólico agregado ao

inconsciente coletivo. Daí ter o próprio Jung reconhecido no mito de Electra a possibilidade de refletir sobre certa espécie de complexo que atinge as mulheres. Sobre os arquétipos, vejamos registros de Jung, extraídos de O homem e seus símbolos:

O conceito de arquétipo, que constitui um correlato indispensável da idéia do inconsciente coletivo, indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar. A pesquisa mitológica denomina-os "motivos" ou "temas"; na psicologia dos primitivos elas correspondem ao conceito das *représentations collectives* de LEVY-BRÜHL e no campo das religiões comparadas foram definidas como "categorias da imaginação" por HUBERT e MAUSS. ADOLF BASTIAN designou-as bem antes como "pensamentos elementares" ou "primordiais". A partir dessas referências torna-se claro que a minha representação do arquétipo — literalmente uma forma preexistente de — não é exclusivamente um conceito meu, mas também é reconhecido em outros campos da ciência. (, p. 53-54)

Relacionando o arquétipo da mãe ao insondável, ao misterioso, ao venenoso e ao fecundo, além de também lhe atribuir o poder sobre o crescimento, a fertilidade e o alimento, Jung (2002) afirma que, todavia, "não existe consciência sem diferenciação de opostos" (p. 104) e, por isso, define como "paterno" o princípio lógico da consciência, o logos. Nessa concepção, justifica o desejo matricida de libertação como forma de "nascimento" e "enfrentamento" consciente da experiência humano-existencial. Essa atitude, porém, ao negar o inconsciente como uma dimensão igualmente pertinente a essa experiência, desequilibra a própria existência e gera o conflito, uma vez que o inconsciente continuará a existir, quer a consciência o materialize — através de mitos artificiais, por exemplo, —, quer não: "A consciência só pode existir através do permanente reconhecimento e respeito do inconsciente: toda vida tem que passar por muitas mortes." (p. 104)

É evidente que todas essas formulações teóricas permitem a análise da imagem mítica de Electra e decorrentes reflexões sobre sua aplicabilidade no plano terapêutico. Porém, cabe ainda verificar outra configuração arquetípica impressa na imagem de Electra, já que a mesma também pressupõe um confronto entre o masculino e o feminino. Referimo-nos ao par

anima/animus. Vejamos como o junguiano L. Von Fran, se refere a essas categorias:

Anima é a personificação de todas as tendências psicológicas femininas na psique do homem — os humores e sentimentos instáveis, as intuições proféticas, a receptividade ao irracional, a capacidade de amar, a sensibilidade à natureza e, por fim, mas nem por isso menos importante, o relacionamento com o inconsciente. (s/a, p. 177) A personificação masculina do inconsciente na mulher — o animus — apresenta, tal como a anima no homem, aspectos positivos e negativos. Mas o animus não costuma se manifestar sob a forma de fantasias ou inclinações eróticas; aparece mais comumente como uma convicção secreta "sagrada". Quando uma mulher anuncia tal convicção com voz forte, masculina e insistente, ou a impõe às outras pessoas por meio de cenas violentas reconhece-se, facilmente, a sua masculinidade encoberta. (s/d, p. 189)

Tais considerações, embora dissolvam a estereotipia carnal da diferença entre os sexos e suas supostas identidades psíquicas divergentes e complementares, não desconstruem a dicotomia da psicologia dos gêneros, pois aloca a anima no inconsciente masculino e o animus no inconsciente feminino, ou seja, os "atributos" semanticamente relacionados aos dois sexos mantêm-se intactos, o que se dá é uma acessibilidade, outrora velada, de um e outro sexo aos atributos opostos. No entanto, esse acesso é limitado pelo interdito da simbologia complexa do inconsciente. De modo geral, o arquétipo feminino está relacionado a cuidar, vinculação, já o masculino, a distanciamento e separação para a sobrevivência.

No que se refere especificamente ao "complexo de Electra", temos a questão, levantada por Jung, acerca do desenvolvimento feminino, da ambivalência, da ligação materna e da transmissão transgeracional. Jung (1913) usou a expressão Complexo de Electra, como um sinônimo do Édipo feminino, para mostrar a existência em ambos os sexos, *mutatis mutandis*, de uma atitude simétrica para com os pais. (LAPLANCHE e PONTALIS, 1986)

O enfoque junguiano libertou-se do centramento no masculino, proposto por Freud com o "complexo de Édipo", em que o papel designado à mãe, teria tido maior relevância naquilo que remete à relação com o filho homem. Somente após haver delineado a maior parte de sua teoria, Freud descreveu as conseqüências emocionais do vínculo da mulher com sua mãe.

Queremos aqui, na esteira de Jung, aprofundar-nos na figura de Electra como paradigma do desenvolvimento feminino porque este mito atribui um lugar especial para a relação mãe-filha. O destino da mulher é determinado, desde seu nascimento, por vários aspectos de ambivalência em relação à mãe.

As discrepâncias e os desvios na assimilação dessas duas forças antagônicas e complementares (anima/animus), referenciadas simbolicamente, no plano das relações familiares, nas figuras materna e paterna, estabelecerá um confronto entre pulsões instintivas e a própria consciência, o ego (*Ich*). A fantasia será um dos instrumentos utilizados pelo inconsciente para atuar nessa "batalha" com a consciência, cada vez que uma situação existencial se revelar irreconciliável com a persona, máscara construída pelo ego como forma de autoproteção. Nesse entrave, outro arquétipo interessa: a sombra, que incidirá diretamente sobre a possibilidade ou não de se resgatar o equilíbrio. Isto quer dizer que, somente através do enfrentamento da sombra, que, na descrição do próprio Jung, "é um desfiladeiro, um portal estreito cuja dolorosa exigüidade não poupa quem quer que desça ao poço profundo" (p. 31), se poderá chegar a uma harmonia entre as forças conflitantes que se instauram em nossa psique. Ainda, o processo de reconhecimento da sombra não é fácil. Sobre isso dizia Jung:

Para sabermos quem somos, temos de conhecer-nos a nós mesmos, porque o que se segue à morte é de uma amplitude ilimitada, cheia de certezas inauditas, aparentemente sem dentro nem fora, sem em cima nem embaixo, sem um aqui ou um lá, sem meu nem teu, sem bem, nem mal. (p. 31-32)

Estabelece-se, então, uma relação de poder, em que forças antagônicas, nomeadas por Jung, como Eros e Poder, atuarão constantemente, tornando necessário, em nível terapêutico, que sejam reconhecidas e dimensionadas para que seja possível estabelecer uma nova harmonia interna e, conseqüentemente, externa entre o ser, ele mesmo e o mundo.

O não processamento desse conflito pode, entre outros, gerar ao ego a falsa impressão de controle sobre si e sobre o mundo, o que define, também segundo Jung, o "Complexo de Poder", do qual podem decorrer ações, no plano prático da existência humana e social, de natureza mesmo violenta,

como é, por sinal, o matricídio no mito de Electra. De igual modo, um "Complexo de Superioridade" também pode se originar desse pretense controle do ego sobre as imanências transtornadas do inconsciente.

Assim, tomar a imagem mítica de Electra como um preenchimento simbólico dos arquétipos da mãe, do par anima/animus e da sombra e aplicá-lo em práticas terapêuticas relacionadas a casos nos quais se percebam manifestações compatíveis com a simbologia desse mito pode ser um instrumento eficaz para lançar, no nível das reflexões racionais e conscientes, focos de problematização das formas de vivência de processos dessa natureza.

O pensamento de Berne e seguidores

Alguns roteiros familiares induzem ao sucesso, outros levam ao fracasso. Algumas famílias reescrevem os seus roteiros para promover a mudança. Entretanto, na vida de cada indivíduo, as forças mais importantes que formam seu roteiro são as mensagens que seus pais lhe enviam e que o indivíduo aceita. (JAMES & JONGEWARD, 1975, p. 88).

Contemplando essa questão, Eric Berne (1988) desenvolve reflexões sobre o "script individual":

Além de todas essas variáveis culturais e evolutivas, existe o roteiro de vida ou script individual, um plano de vida baseado numa decisão feita na infância, reforçado pelos pais, justificado por acontecimentos subsequentes e culminando com uma alternativa escolhida. (p.356),

Existe, assim, uma semelhança entre os scripts teatrais e os scripts de vida, pois ambos se baseiam em um número limitado de temas, sendo a tragédia edipiana a mais conhecida, ainda que outros possam ser encontrados no drama e na mitologia grega em geral.

Nesse sentido, "tanto o analista de script transacional, como o analista de peças teatrais podem, ao conhecer o enredo e o personagem, saber qual será o desfecho da história, a não ser que alterações possam ser feitas". (p. 44).

A idéia geral que as vidas humanas seguem os padrões encontrados nos mitos, fábulas e contos de fadas foi corretamente elaborada no livro O herói de mil faces, de Joseph Campbell. Ele baseia seu pensamento

psicológico principalmente em Jung e Freud. Segundo Berne, (1988) "as idéias mais conhecidas de Jung neste contexto são os arquétipos (que correspondem às figuras mágicas do script) e a persona, ou seja, o estilo que o script é representado." (, p, 61).

Um script terá que ser ensaiado e reescrito antes de estar pronto. Inicia-se na infância de uma forma primitiva chamada esboço ou protocolo. Aqui os outros atores desta história estão limitados aos pais e irmãos. Berne parte do princípio de que

Para a criança, seus pais parecerão figuras enormes dotadas de poderes mágicos, como os gigantes, ogros da mitologia, ou simplesmente por serem dez vezes maiores do que ela. À medida que a criança cresce, passa deste universo clássico para um mundo mais romântico, vislumbrando o palimpsesto ou revisão do script, que corresponde à sua nova visão do meio ambiente, influenciada pelos contos de fada. Ao aproximar-se da adolescência, quando surgem mais pessoas, o indivíduo reescreva seu script, levando em consideração o novo ambiente. Com vários ajustamentos o indivíduo chega à forma final, o desfecho do script, o espetáculo da despedida que, acima de tudo é função do terapeuta alterar. (, p, 47-48).

Até os dois anos de idade, época em que se forma o protocolo do script, acontece uma influência precoce, retratada pelo mito, como exteriorização do inconsciente coletivo. De um lado, o inconsciente coletivo relaciona-se às camadas mais profundas do inconsciente, aos fundamentos estruturais da psique comum a todos os homens. De outro, (SILVEIRA, 1971) o inconsciente pessoal compõe-se de conteúdos, cuja existência decorre de experiências individuais. Assim, os conteúdos que constituem o inconsciente coletivo são impessoais, comuns a todos os homens e são transmitidos por hereditariedade. (p. 76).

Como foi colocado anteriormente, na época da formação do protocolo do script, até os dois anos de idade, acontece uma influência precoce, retratada pelo mito. O protocolo é a parte inconsciente do script, lugar em que existe a compulsão à repetição, onde, segundo Freud, o recaiado procura "retornar" ao presente, sob a forma de sonhos, de sintomas, de agir. Segundo LAPLANCHE & PONTALIS, 1986. "... O que permaneceu incompreendido retorna; como uma alma penada, não tem repouso até encontrar resolução e libertação, (p. 126)". Não há ainda, nesta idade, critérios racionais ou procura de alternativas pela criança, que continua fixada numa fase precoce do

desenvolvimento. Em função dessa imobilidade, não vê saída, não aprendeu as tarefas de crescimento emocional e de resolução. (CARACUSHANNSKY, s/d).

Berne define a *physis*, como a força da natureza que eternamente luta para fazer as coisas crescerem cada vez mais. Este conceito implica em mudança em direção à saúde e à cura. Este foi um dos conceitos que o acompanhou em todo seu trabalho de desenvolvimento de Análise Transacional, tanto teórico como prático. Petruska Clarkson (1992) acrescenta que Berne (1972) diferencia quatro forças poderosas que trabalham em cada vida humana.

- 1- Programação Parental Demoníaca
- 2- Programação Parental Construtiva, ajudada pelo impulso vital chamado *physis*.
- 3- Forças Externas chamadas de Destino
- 4- Aspirações Independentes, aspirações autônomas para o desenvolvimento e autonomia.

Essa visão, entretanto, só pode ser desenvolvida através do tempo pela evolução do próprio pensamento humano acerca das relações entre ser, destino, natureza e família. Lembremos que a antiga Grécia tinha a lei (*nomos*) como uma dádiva da divina Moira, de quem cada mortal recebia um quinhão desde seu nascimento. A natureza (*physis*) estava arraigada na alma do povo grego. O dualismo *nomos-physis* formava uma unidade à época do nascimento da filosofia. Porém o conceito de *physis* foi mudando com as transformações sociais da Grécia.

No período arcaico, inexistia a separação entre a comunidade e a *physis*, havia uma profunda intimidade da comunidade com a natureza. As leis (não escritas) eram respeitadas para não quebrar a harmonia entre a vida humana e a *physis*. O basileu, o rei, estava ligado às forças divinas e naturais. Se eram todos fragmentos do cosmos, eram todos iguais, e a comunidade compactuava com este pensamento.

Podemos verificar aqui a influência dos pensadores da antiga Grécia, na filosofia Berniana. O mérito de Berne, além de criar uma escola terapêutica, ser

um brilhante terapeuta e escritor, foi querer e saber transmitir sua teoria poder ser superado, portanto um brilhante didata. O seu legado direto está com inúmeros terapeutas conhecidos internacionalmente por seus livros e artigos publicados, analistas como Muriel James, Fanita English, Claude Steiner, Mary Goulding, que continuam em plena atividade. (LEVI, 2005)

Um diálogo entre o mito e as teorias abordadas

A proposta deste estudo, como já vimos, é estabelecer um diálogo entre as teorias de Jung e de Berne acerca da imagem mítica de Electra, com o intuito de reconhecer estruturas simbólicas passíveis de serem adaptadas a práticas terapêuticas direcionadas a pacientes mulheres. Contudo, iniciamos esse diálogo com uma questão: até que ponto as imagens míticas podem traduzir uma experiência humana contemporânea? Vejamos o que diz Berne:

A idéia geral que as vidas humanas seguem os padrões encontrados nos mitos, fábulas e contos de fadas foram corretamente elaborados no livro de Joseph Campbell. Ele baseia seu pensamento psicológico principalmente em Jung e Freud. As idéias mais conhecidas de Jung neste contexto são os Arquétipos (que correspondem às figuras mágicas do script) e a Persona, ou seja, o estilo que o script é representado. (1988, p. 61)².

A trajetória de Electra e seus sentimentos em relação à mãe permitem que reconheçamos na personagem marcas que, projetadas no contexto da contemporaneidade, ganham efeito especular. Isso se afirma com base no fato de ser perceptível, na sociedade, que as mulheres com maior frequência têm uma relação de amor e ódio com a mãe que supera o traço edipiano no amor pelo pai. O fato de boa parte das meninas contemporâneas já viverem distantes da figura paterna, em virtude das separações matrimoniais, aumenta o desnível entre as relações filha/mãe e filha/pai. O distanciamento ou a ausência do pai projeta-o, no imaginário nas meninas contemporâneas, numa dimensão idealizada e cercada de desejo. A imagem da mãe, todavia, é internalizada e envolvida em amor ou ódio, mas numa dimensão mais real, palpável. O ódio vincula-se à acusação subjacente de não ter sido a mãe um objeto de amor competente e, de outro lado, de ser a causa do afastamento

² A referência de Berne é ao livro *The hero with a thousand faces*.

entre filha e pai. A figura do pai é, assim, bondosa, e a da mãe, má, por haver frustrado uma relação.

Também é importante destacar a importância do pai como o elemento que proporcionará à menina, na fase adolescente, um referente para a provação de sua feminilidade. Todavia, ele deve valorizar sua feminilidade sem tornar-se uma figura de sedução, o que provoca a necessidade de uma cisão com a forma afetiva infantil. O desejo da aprovação paterna é grande, e, quando ocorre, acaba sendo uma forma de compensação da frustração anterior que a menina guardava em relação à mãe, acusada, como vimos de não ser bem sucedida em sua feminilidade. Assim, a figura do pai pode intermediar um possível equilíbrio entre filha e mãe. Contudo, caso esse processo de valorização da feminilidade da filha, isento, todavia de caráter sedutor, se não bem sucedido por ampliar problemas como baixa autoestima, chegando mesmo a levar essa filha a ser incompetente para manter relações heterossexuais saudáveis. Também cabe observar que, na fase da adolescência, muitas vezes ocorre um distanciamento filha/pai como forma de prevenção ao possível caráter de sedução ou erotismo que possa envolvê-los.

Outro fator curioso é a facilidade com que as filhas perdoam os pais em comparação com a dificuldade que o fazem em relação à mãe. Electra é exemplo disso.

O espelhamento na mãe, cercado de amor e ódio é, portanto, aspecto relevante para se compreender possíveis traumas femininos. O mito de Electra faz par com o mito de Édipo, direcionando a relação mãe/filho para o eixo mãe/filha.

A mulher se cria a partir da imagem materna, e as conseqüências das circunstâncias envolvidas nesse espelhamento são claramente reencontradas no seu desenvolvimento da psique feminina e nas formas de relacionamento que estabelece com o universo. A combinação da tempestuosa relação de amor e ódio para com a mãe e idealização do pai é perfeitamente representada no mito de Electra.

Markuschwer (2006) chama a atenção para possíveis problemas que podem decorrer dessa combinação:

Problemas emocionais como masoquismo, vaginismo, frigidez, medo de fusão e depressão pós-parto estão intimamente ligados com a

imagem materna internalizada da mulher. A transmissão, através das gerações, de doença ou de saúde transcorre com maior facilidade pela linhagem feminina, o que pode representar tanto uma vantagem como também uma desvantagem. (p. 54)

Voltando-nos, sem seguida, às teorias de Jung e Berne, lembramos que Silveira aponta que, para Jung, (1974, p.129)

O processo de individuação, tendência instintiva de homem realizar suas potencialidades, é descrito nos mitos, através de imagens, estabelecendo-se uma conexão entre o consciente e o inconsciente. Este processo faz-se em função do Self, totalidade psíquica com energia central para levar o homem a tornar-se o que ele é. Cria-se a ordem, transformando o caos em cosmos.

Poderíamos, então, considerar que este mito de Electra conta o processo de terapia, no qual a pessoa também é auxiliada em seu processo de individuação, estabelecendo uma conexão entre o consciente e o inconsciente. Diferentemente do ponto de vista de Freud, que rejeitou a noção de destino em favor da hipótese do conteúdo incestuoso da tragédia, Steiner, (1974), afirma que é o 'destino' que comove a platéia, ou seja, a constatação da submissão dos homens à vontade divina e a compreensão da própria impotência frente ao destino. O ser humano submisso às divindades representa, assim, a soberania dos pais sobre os filhos. Nesse sentido, criança acredita ser impotente para enfrentar o aparente e inevitável desenrolar de seu roteiro de vida.

Claude Steiner (1974) afirma que o herói mítico não é mau. O que ocorre é somente um erro de percepção, como no caso de Electra. Ela tem a figura de pai incompleta, idealizada como um herói, pois ele se afastou por dez anos para ir à Guerra de Tróia. Pelo afastamento, internaliza os lados positivos do pai e não percebe os lados negativos, não entrando em contato com o fato de que o pai se ausentou, deixando a família por tanto tempo, partindo para uma guerra que não era dele; já que seu irmão, Menelau, a provocou por ter sido traído. Para ter sucesso, Agamêmnon sacrifica a vida de sua filha Ifigênia e volta triunfante com uma concubina. Electra projeta o lado negativo na figura da mãe, julgando-a implacavelmente por ter

A figura de Electra é, por isso, arquetípica no momento em que concentra, simbolicamente, uma pulsão de eliminar o referente negativo que a figura materna lhe traz. Jung (1913) usou a expressão Complexo de Electra, como um sinônimo do Édipo feminino, para mostrar a existência em ambos os sexos, mutatis mutandis, de uma atitude simétrica para com os pais. (LAPLANCHE e PONTALIS, 1986)

Oliveira (2002) mostra no quadro "Complexo de Electra Disfuncional", que a insatisfação na relação pai/mãe pode promover uma alteração na relação pai/filha, permitindo que se agregue à mesma um carácter de sedução que foge aos parâmetros saudáveis do suporte positivo que a figura paterna pode representar no processo de autoafirmação da filha em relação à sua feminilidade:



Fig.II- Complexo de Electra disfuncional

O quadro retrata um casal que já assumiu que sua relação não é satisfatória. A resposta da filha é seduzir o pai, e a mãe não faz a corte, porque ela não liga (acha até bom). O pai, por sua vez, aprova esse comportamento pelo conforto de ter a filha/esposa na posição mulher que esse pai/homem desejava ter. Aqui a filha fica órfã de pai e pode acontecer envolvimento de sedução. No futuro dessa filha/mulher, podem acontecer processos facilmente identificáveis com a situação:

- 21

e) No que se refere à mãe, pode ocorrer uma relação de ódio entre mãe e filha, por terem se tornado rivais de fato (disputa edipiana). A mãe pune a filha pelo resto da vida, por ela ser a "queridinha do papai". Ou seja, a filha que o pai ama mais do que a própria esposa, vai ser odiada pela própria mãe. E assim, essa filha fica órfã de pai e mãe. Essa "orfandade", lembremos, caracteriza a figura da própria Electra.

Usando o enfoque de Berne, a história desta família mostra um script no qual existe a maldição com "batata quente" ou episcript. Sobre esse termo, esclarece ENGLISH(1969):

A criança estabelece o episcript, um enredo secreto baseado no pressuposto mágico de que nossas próprias tragédias podem ser evitadas se a passarmos para um objeto sacrificial, uma vítima ou um bode expiatório. Este modo de pensar é altamente ilustrado pelos mitos e pelo folclore da maioria das culturas (p.339)

O episcript de homicídio, traição e solidão, na saga dos átridas, passa por cinco gerações até o julgamento final, quando Electra obtém o perdão e a permissão dos deuses de poder casar e pertencer. Termina a "batata quente" e é reformulado o final do Script, surgindo a Bênção. É interessante notar que esses conceitos de maldição e bênção familiar, que passam por gerações já estão registrados na Bíblia, como se vê em Êxodo 20: 5,6: "Não farão outros deuses... visito a maldade dos pais nos filhos até a 3ª ou 4ª geração, daquele que me aborreceu." ou "Faço misericórdia em milhares aos que me amarem e guardarem os meus mandamentos".

O próprio Berne (1988,) descreve esses assuntos:

As diretivas dos pais e avós determinarão em longo prazo o plano de vida da pessoa, denominado Script, e seu desfecho final, isto é como acabar a vida. (p.238) "Pode ser com uma bênção que vai gerar um vencedor – Script de vencedor – ou com uma maldição que dependendo do grau terá como consequência um não vencedor ou um perdedor". (p. 239)

Berne diagrama a transmissão cultural por cinco gerações, de um script bom, com bênção, na história de um médico feiticeiro. O nome dado a esse script foi "Meu filho o doutor". As mensagens passadas por gerações, como

veremos mais adiante, como se processam, foram dos pais "Seja um bom médico", o Adulto do Pai mostrou o "como" e os segredos da profissão, e ainda passaram a mensagem "Seja um vencedor", que foi aceita pelo filho.

Berne também diagrama "um desfile de família" de um script com maldição, onde a injunção, isto é, a ordem negativa que impede o indivíduo de sair da maldição, é transmitida por cinco gerações.

Essas diretivas ou mensagens se perpetuam porque ficam gravadas, em nível cerebral, (Penfield, 1952) como memórias profundas de longa duração e por serem involuntárias, surgem contra a vontade do indivíduo, sob a forma de vozes parentais ou diálogos internos. Estes diálogos internos interferem seriamente numa vida, pois a Criança adaptada ouve e acha que tem que obedecê-los. (LEVI, s/d)

Fenomenologicamente, a programação parental quer dizer que a resposta é determinada pelas diretivas parentais, trilhas sonoras previamente gravadas, cujas vozes podem ser ouvidas ao se escutar com cuidado o que se passa dentro da própria cabeça. Estas memórias implícitas, não conscientes, envolvem emoções, sensações e comportamentos, porém não há um sentido de self. Desenvolve-se no primeiro ano de vida e não é substituída pelo conhecimento explícito. (ALLEN, 1997)

As mensagens que os progenitores destinam à filha foram "não me abandones", "não pertenças" (KÉRTEZ, 1977) "não cresças" na parte emocional, e "apressa-te a crescer" na área intelectual, (LEVIN, 1974) preparando-se, assim, e de forma paradoxal, para tomar conta de si mesma (pois ficará só) e dos pais, enquanto forem partes vivas desse triângulo.

Se relacionamos essa visão teórica e as formas de representação de Electra na contemporaneidade, constataremos que as "Electras atuais" são Segundo Berne (1976) mulheres "tantalizadas", que nunca conseguem ter o que querem. Têm proibido o sexo e/ou o amor, tornando-se mulheres não orgásticas ou com dificuldade de manter um vínculo amoroso, tendo como desfecho final do roteiro de vida, a solidão.), o amor ficou fixado na figura paterna, e fez com que essas mulheres continuassem a ser emocionalmente as "Meninas do Pai", independentemente de sua idade cronológica. (FREITAS, 1985).

O contexto familiar do caso de "Electras atuais" apresenta uma família disfuncional, com fronteiras rígidas, de onde as pessoas não entram nem saem (McCLEDON e KADIS, 1989), gerando um "sistema fechado". Lembremos que, em relação aos os sistemas fechados, existe o mito da sobrevivência emocional, envolvendo o papel que cada um deve desempenhar para manter a sobrevivência familiar (LUTHMAN e MARTIN, 1974).

Berne não publicou nada sobre terapia familiar, porém seus estudos sobre grupos nas organizações (BERNE, 1978) podem ser usados no grupo familiar, principalmente no conceito de fronteiras e limites. No grupo familiar deve haver uma clara separação entre a família e a não-família e entre o líder e o não-líder ou entre as gerações. Sem a clara separação entre as gerações, a função parental fica diluída, as crianças agem no papel de pai e os pais podem agir no papel de filhos. Quando este limite é interrompido a família torna-se disfuncional. (McCLEDON e KADIS, 1989). Desta forma, as Electras atuais fazem uma aliança com o pai, ocupando o lugar da liderança com ele. Existe, nesse caso, um relacionamento com sedução de ambos os lados, porém o prognóstico é bom, pois como neste mito, o incesto não ocorre.

Jung e Berne, tomando a figura de Electra como pontual para a compreensão de determinados comportamentos repetitivos passíveis de serem reconhecidos na atuação de mulheres na sociedade contemporânea, permitiram que a Psicologia e a Análise Transacional avançassem como suportes teóricos capazes de criarem metodologias terapêuticas eficazes no sentido de desconstruir relações parentais e de gênero traumáticas. A transformação de suas abordagens teóricas em aplicações clínicas é, portanto, importante passo para que arquétipos e scripts deixem de ser teoria para se tornarem fontes eficazes de transformação do ser e do mundo.

Conclusão e aplicações clínicas

Como no mito, as Electras atuais têm uma falsa percepção das figuras parentais. Na psicoterapia, é necessário trabalhar esse erro de percepção, de modo a levar a paciente a ver na mãe aspectos positivos que permitam uma reestruturação da identificação entre ambas. Essa nova identificação permite que a "Electra atual" rompa

com o padrão negativo e reelabore as ilusões do mito familiar, entrando na "sobrevivência da realidade". O prognóstico, como o próprio mito relata, é bom.

Electra atua num Estado de Ego Criança Adaptada Rebelde Passiva, pois não enfrenta a mãe, mas a manda matar e, também, é obrigada a se casar com um camponês, mas não pertence, pois o companheiro é inferior a ela. Desde muito cedo, ela é a companheira do pai, pois a mãe é percebida como incapaz e pouco significativa. Estabelece-se, então, um pacto tácito entre filha e mãe, que torna esta o terceiro elemento do triângulo. Se o pacto não for cumprido, existe a expectativa catastrófica de que a família desmorone. Com o desmoronamento, a filha cumpre a penitência de sentir-se culpada e assume a maldição de ficar só.

O mito desta família é que o desenvolvimento da sexualidade é destrutivo. A filha, bode expiatório, protege o genitor mais fraco e infantil e tem uma relação sedutora com o pai, não aliviada pela mãe.

Para romper com essa "maldição", é preciso, no processo terapêutico, que as "Electras contemporâneas" elaborem a "morte" das figuras idealizadas do pai e da mãe, para poderem entrar em contato com os pais reais, redefinindo os papéis de cada um, inclusive o papel de filha. Nesse processo terapêutico são importantes o entendimento, a compreensão e o perdão (aos outros e a si mesma). Tudo isso levará à permissão para pertencer, redecidindo o script e eliminando a aparente sobredeterminação de uma estrutura arquetípica fixa e intransponível até o momento em que se toma consciência dela. Electra, nesse sentido, faz-se instrumento para a superação de um espelhamento frustrado filha/mãe e dos decorrentes desvios de relacionamentos afetivos vivenciados pela filha, levando-a a um novo patamar de consciência acerca de si mesma e do outro (ou "outros", pai e mãe).

Bibliografia

- ALLEN, JAMES R. *Biologia e AT II - um relatório analítico sobre o neurodesenvolvimento. Rebat- Revista Brasileira de Análise Transacional - anos VII/VIII*
- BERNE, E. *O que você diz depois de dizer olá: a psicologia do destino (What do you say after you say hello? The psychology of human destiny)*. São Paulo: Nobel, 1988
- . *Os jogos da vida*. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1973. 155
- . *Sexo e amor (Sex in human loving)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.p. 124.
- . *Estrutura e dinâmica das organizações e dos grupos Circulação restrita (The structure and dynamics of organizations and groups. Restricted circulation)*, s/d.
- BRANDÃO, Junio de Souza. *Mitologia grega*. Vol. 1. Petrópolis: vozes, 2009.
- BULFINCH, T. *Mitologia geral, Idade da fábula*, (General mythology, The age of fable). Livraria Itativa, 1962.
- CAMPBELL, J. *The Hero with a Thousand Faces*. New York: Pantheon Books, 1950.
- CARACUSHANSKY, S.R, *Curso Avançado de Análise Transacional*. São Paulo: Ed. Assertiva, s/d.
- ÉSQUILO. *Oréstia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- GOMES DE FREITAS, M. Tese de doutoramento "A menina do pai", (Doctorate thesis: "The father's girl"). São Paulo, 1985.
- HALBERSTADT, H. *Psychê*. ano X, nº17, São Paulo, jan-jun/2006, p.31-54.
- HAMILTON, E. *Mythology*. Amenton Book Timeless, Part V. The families of mythology. 1942.
- HEINEMANN, R. *Eunucos no Reino de Deus*. São Paulo: Ed. Record, 1996.
- JAMES. M. & JONGEWARD, D. *Nascido para Vencer*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1975.
- JUNG, Carl. *O homem e seus símbolos*. 12ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/a .
- . *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- . Coordinating Editor. *Man and his symbols*. Part 3, The process of individuation. USA: M. L. Von Franz, 30ª printing, 1974.
- KÉRTEZ, R. & INDUNI. Manual de análise transaccional (Manual of transactional analysis), Buenos Aires, Editorial Conatal, 1977, p. 125-128.
- KURY, Mário da Gama. *Dicionário de mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J. B. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1986.
- LEVI, M., A menina do pai (The father's girl). IN: *Revista brasileira de análise transaccional*. ano1, n.º 1- Junho 1988, 46-55.
- . Influências das mensagens parentais gravadas a nível cerebral. Disponível em [HTTP://www.unat.com.br/artigos](http://www.unat.com.br/artigos) s/d.
- . O que Berne nos oferece em 2005, Informativo Opções, nº 58- Julho 2005, 3.
- LEVIN, P. *Becoming the way we are*. A transactional guide to personal development, Edited by Nora G. Stern, 1974, p. 11-12.
- LUTTMAN, S. e MARTIN K. *The dynamic family*. Palo Alto, California: L. Science and Behavior Books, 1974, cap. XVI.
- PENFIELD, W. (1952). "Memory mechanisms", Arch. Neural. & Psychiatry. 67, 1952, p.178-198.
- MARKUSCHOWER, Susan. Hendrika Halberstadt-Freud.. In: *Psychê — Ano X — nº 17 — São Paulo — jan-jun/2006 — p. 31-54*
- McCIENDON, R e KADIS, L. (1989) Terapia familiar: um modelo de análise transaccional para a saúde. In: *Revista Brasileira de Análise Transaccional*. Ano II, nº1, junho, 1989, p.12-13.
- OLIVEIRA, J.C. Fases do desenvolvimento psico-sexual, Curso de prática Sistêmica-fev/2002.

SALTINI, C., A Sacralidade do Feminino Erótico. In: WIMER Botura (org.), *Destruição e Resgate do Feminino*. São Paulo, 1999, cap. V, p. 113-128
SILVEIRA, N. *Jung vida e obra*. Rio de Janeiro: José Álvaro Editora, Mitos, 1971.
STEINER, C. *Games alcoholics play in the Analysis of life scripts*, Chapter III, Oedipus Revisited, NY: Ballantine Books, 1974.

UNIA BRASILEIRA - União Nacional das Análises Transacionais
FALEP - Faculdade de Análise Transacional
Alameda - SP
reginebotura@gmail.com

resumo: O diagnóstico dos Estados do Ego - em ação - é o primeiro passo que o Análise Transacional faz com o cliente de elaborar sua situação. A partir das Integridades Múltiplas, pode avaliar na elaboração deste planejamento, as necessidades de habilidades e competências que o cliente se passa para que o Estado do Ego Adulto seja desorganizado e energizado. O presente artigo discute a relação entre os conceitos de Estado do Ego e as Integridades Múltiplas com o propósito de facilitar o diagnóstico e a intervenção clínica.

Palavras-chave: Estado do Ego, integridades múltiplas, Planejamento Consciente, Fronteira.

Como Análise Transacional, tenho recebido ao longo de alguns anos, uma vasta experiência acerca das questões existenciais nas pessoas que me buscam na clínica. Com base neste trabalho, elaboro algumas formas de compreender os processos de construção da personalidade baseados nos textos de Berne.

O propósito deste artigo é estabelecer uma relação entre os conceitos de Estado do Ego, propostos por Eric Berne e as Integridades Múltiplas descritas por Gardner, no sentido de facilitar o trabalho de trabalho na elaboração do diagnóstico e intervenção clínica. Pretendo, assim, discutir maneiras de estabelecer determinadas integridades e as habilidades correspondentes, a desorganização e energização do Estado do Ego Adulto seja acordado de forma calma, bem-humorada e com inteligência, não despertando na pessoa recursos, crenças e capacidades que ela não se dá conta de ou não foi construída.